

Marcos Castilha



Lighting designer, arquiteto e músico, crê num ponto de convergência das artes e aposta no crescimento do mercado.

Entrevista concedida a Rodrigo Casarin

Como você deu início ao seu próprio escritório, o Marcos Castilha Arquitetura de Iluminação?

Desde criança sou um aficionado por iluminação, sempre estive presente em qualquer oportunidade para “iluminar”. Depois me formei arquiteto. Minha atuação na área foi se intensificando gradualmente, acompanhando a abertura do mercado para iluminação arquitetônica, particularmente a partir do fim dos anos 90.

Na edição nº15 da Lume Arquitetura você participou da reportagem “Pós-Pioneirismo”, que tratava da nova geração de lighting designers no País. Já existe uma geração consolidada posterior a sua?

Acredito que haja uma geração em fase de consolidação, já formada pelos cursos de especialização em iluminação e que esteja começando a atuar. Pelo que pude perceber é uma geração menos “romântica”, são profissionais que se preocupam mais diretamente com a inserção e atuação no mercado, tecnologias de ponta, cenário internacional, etc.

Cursos de especialização em iluminação já são recorrentes em várias instituições pelo País. O mercado possui força suficiente para absorver todos estes profissionais?

É uma pergunta difícil de responder. Eu espero que absorva. Isso vai depender muito da continuidade do processo de crescimento do País, concatenada com a sedimentação de uma cultura de valorização do trabalho intelectual, neste caso representado pelo projeto da arquitetura e todas as suas especializações.

Você faz parte de alguma associação? Por quê?

Não sou filiado a nenhuma associação. Tenho optado por acompanhar a atuação das mesmas e pretendo me filiar sim, mas quando chegar a hora adequada.

Como é a sua relação e a aceitação por parte dos clientes das novas tecnologias, como LEDs e fibra ótica?

Relaciono-me muito bem com todas as tecnologias novas e antigas também. A aceitação de equipamentos como LEDs tem crescido rapidamente, creio que em boa parte pela queda do custo de implantação. É fascinante trabalhar com estas “pequenas estrelas”, mas ainda existem coisas que só o tungstênio pode fazer por você. Tenho feito projetos combinando novas e clássicas técnicas e o resultado é muito rico.

Como os trabalhos que você fez em iluminação cênica influenciam seus projetos de iluminação arquitetural?

Atuar em iluminação cênica me atentou

para muitas sutilezas: a precisão nos ângulos de incidência; cuidado com as sombras e sobras de luz; o uso da cor na luz e, mais especificamente, lidar com as variações do branco; melhor perceber sutis diferenças entre temperaturas de cor; aprender a lidar com o fabuloso mundo dos filtros corretores, etc. Iluminar palcos contribuiu para a consciência de que estamos iluminando pessoas, não só planos de trabalho.

Sobre seu lado musical (Castilha é baterista da banda Farufyno), é difícil conciliar música com arquitetura?

Uma frase de Auguste Perret [arquiteto francês falecido em 1954], que geralmente é atribuída a Villanova Artigas [João Batista Villanova Artigas, Brasil, 1915-1985] diz: “É preciso fazer cantar o ponto de apoio”. Para mim, tem sido plenamente possível e absolutamente necessário conciliar música e arquitetura. É um círculo virtuoso de reciclagem criativa. Eu acho que as artes têm fronteiras mais convergentes do que o estabelecido pela nomenclatura das mesmas.

Quais são as suas obras mais relevantes?

O Restaurante Original Shundi e a Cachaaçaria Água Doce são projetos que se obteve uma nova percepção da luz pela releitura e recomposição de materiais “brutos”, como eletrocalhas, perfilados, copos etc. Gosto bastante dos Shoppings Plaza São José do Rio Preto e Burity Guará, pelo trabalho simbiótico entre o desenho do forro e desenho de iluminação, uso de pendentives e peças especiais criando uma linguagem mais autóctone e personalizada. Menciono também o loft duplex no Itaim, pela solução extremamente concisa que obtivemos para a iluminação. ◀